

RELAÇÕES INTERPESSOAIS EVIDENCIADAS EM AULAS DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA

GIANDRA ANCESKI BATAGLION & ANGELA TERESINHA ZUCHETTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - FLORIANÓPOLIS, SC, BRASIL
Giandra__@hotmail.com; Angela.zuchetto@ufsc.br

1 INTRODUÇÃO

Crianças com deficiência, muitas vezes, apresentam receio em relação ao seu nível de habilidade e as respostas de seus colegas quanto a sua participação nas aulas de educação física (BLOCK, 2007). Por isso, possuem maiores restrições na participação em programas de atividades físicas do que seus pares sem deficiência (RIMMER, WOLF, SINCLAIR e ARMOUR 2008). Porém, estão cada vez mais sendo incluídas nestes ambientes em todo o mundo (LIENERT, SHERRILL e MYERS, 2001).

O mundo social das crianças com deficiência inclui as pessoas que as afetam diretamente, por exemplo, professores, colegas, amigos e os que participam, de forma geral, nas atividades (HUTZLER, FLIESS e CHACAM, 2002). Deste modo, ao participarem e se engajarem em programas de atividade motora, passam a interagir e criar laços de amizade (NANGLE et al., 2003). Os professores, por sua vez, têm a responsabilidade de tentar entender os pontos de vista e os interesses dos alunos com deficiência para poder otimizar sua participação nas aulas, pois assim, eles serão capazes de satisfazer as suas necessidades e aumentar seus sentimentos de pertença ao grupo (JAMES, KELLMAN e LIEBERMAN, 2011).

Com base nestas considerações, o objetivo desta pesquisa foi verificar as interações sociais de crianças com deficiência participantes de um programa de atividade motora adaptada.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva e foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade sede do programa, sob o processo número 911/2010. Os responsáveis pelos participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

2.2 CONTEXTO DA PESQUISA

O Programa de Atividade Motora Adaptada – AMA – é oferecido pelo Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (DEF/CDS/UFSC) gratuitamente desde 1995. O objetivo do programa se relaciona com a tríade: ensino-pesquisa-extensão. O AMA oferece atividades motoras adaptadas a pessoas com deficiências (extensão), oportuniza vivências práticas aos graduandos do curso de Educação Física (ensino/formação) e desenvolve estudos nessa área (pesquisa). As atividades propostas ocorrem em dois encontros semanais, com duração média de 1 hora no solo e outra na água (ZUCHETTO, 2008). Participam das atividades os acadêmicos matriculados na disciplina de Educação Física Adaptada, acadêmicos bolsistas, a coordenadora e as crianças com deficiência, mantendo a proporção de um adulto por criança com deficiência, considerada ideal no programa (ZUCHETTO, 2008).

Durante o período observado, abril à julho de 2011, foram ministradas 28 aulas no solo e 28 na piscina. Dentre estas, foram intencionalmente selecionadas duas, sendo uma no solo (atividades de postura e locomoção) e uma na água (atividades pré-esportivas), ambas com

seis atividades. Destaca-se que na primeira aula havia 12 adultos auxiliares e 8 crianças e na segunda, 10 adultos auxiliares e 8 crianças.

2.3 OS PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa sete meninos e três meninas, na faixa etária entre três e treze anos com deficiência física/paralisia cerebral (DF/PC), deficiência visual (DV), deficiência intelectual (DI), deficiência auditiva (DA), transtorno déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e autismo. Os participantes foram escolhidos intencionalmente, de modo que todos que estavam presentes nos dias das aulas foram incluídos na pesquisa.

Destaca-se que Daniela e Diego estavam presentes somente na aula do solo e Caio e Mário apenas na piscina, enquanto que os demais estavam em ambas. Todos os participantes receberam nomes fictícios.

2.4 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente foram planejadas duas aulas, cujo tema foi postura/locomoção e pré-esportiva, respectivamente. Ambas foram compostas por seis atividades, sendo as ministradas no solo: 1- Encontrando os colegas, 2- Coelho sai da toca, 3- Pato-ganso, 4- Morto-vivo, 5- Estátua, 6- Bate-manteiga. Na aula da piscina foram desenvolvidas as seguintes atividades: 1- Deslocando os espaguetes, 2- Voleibol, 3- Basquetebol, 4- Handebol, 5- Caça ao tesouro, 6- Sai tainha.

Para coleta de dados utilizou-se filmagens das duas aulas. Foram descritas através da matriz de análise das interações sociais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das aulas apresenta-se nos quadros 1 e 2 as interações ocorridas nas aulas em solo e na piscina.

Quadro 1: Interações ocorridas em cada atividade na aula do solo

Crianças	A1	A2	A3	A4	A5	A6	Total I. C.
Bruno	5	2	4	1	0	8	20
Iago	0	1	1	0	1	2	5
Isabeli	5	0	3	0	1	8	17
Stefani	4	0	3	0	0	4	11
Hugo	4	0	2	1	1	9	17
Rafael	5	0	4	3	3	7	22
Danieli	6	0	2	1	0	6	15
Diego	8	1	2	0	1	4	16
Total I. A.	37	4	21	6	7	48	

Legenda: A1= Encontrando os colegas; A2= Coelho sai da toca; A3= Pato-ganso; A4= Morto-vivo; A5= Estátua; A6= Bate-manteiga. Total I. C.= Número total de interações por criança; Total I. A.= Total de interações por atividade.

Quadro 2: Interações ocorridas em cada atividade na aula da piscina

Crianças	A1	A2	A3	A4	A5	A6	Total
Bruno	6	3	7	4	9	0	29
Iago	4	3	2	0	3	0	12
Isabeli	4	3	2	3	1	0	13
Stefani	7	2	2	3	1	0	15
Hugo	6	2	3	2	6	1	20
Rafael	4	3	5	1	2	0	15
Caio	9	5	7	8	3	2	34
Mário	7	2	1	0	5	0	15
Total	47	23	29	21	30	3	

Legenda: A1= Deslocando os espaguetes; A2= Voleibol; A3= Basquetebol; A4= Handebol; A5= Caça ao tesouro; A6= Sai tainha. Total I. C.= Número total de interações por criança; Total I. A.= Total de interações por atividade.

Observa-se no quadro 1, a atividade 6 que consistia na escolha de um colega para que este se tornasse o “pegador” como a que mais proporcionou interações aos participantes. Isso porque enquanto uma das crianças caminhava em direção aos seus colegas para efetuar a escolha, interações como expressões faciais, verbais e através do contato corporal naturalmente ocorriam entre todos os participantes e, posteriormente, a interação entre “fugitivo e pegador” consequentemente acontecia. Nas atividades 1 e 3 também ocorreu um número alto de interações. Na primeira, os alunos dançavam pela sala ao ritmo da música e quando a mesma parava todos deveriam imediatamente se cumprimentar com um movimento indicado pela professora, por exemplo, dar um aperto de mãos, um abraço, piscar os olhos. Na atividade 3, denominada “Pato-ganso”, todos permaneciam sentados em círculo enquanto um dos participantes caminhava ao redor do mesmo preparando-se para escolher um colega que deveria correr para tentar pegá-lo. No decorrer da tarefa, olhares entre quem estava fora e no círculo caracterizaram as interações.

No que se refere as atividades 2, 4 e 5 do solo, pode-se dizer que apesar de não terem sido tão favoráveis as interações quanto as demais, permitiram interações como auxílios durante a “troca de tocas” e olhares e/ou gestos que identificavam quem estava realizando corretamente os comandos morto (deitados), vivo (sentados com os braços estendidos verticalmente) e estátua (parados na posição escolhida por eles próprios).

No quadro 2, é possível notar o aumento no número de interações na aula da piscina. Ressalta-se que, devido a constante necessidade de auxílio, ocorreu maior aproximação entre crianças e adultos auxiliares e isto elevou a quantidade de interações. Observa-se que a atividade 1 foi a que apresentou a maior quantidade de interações. A tarefa consistia em deslocar o espaguete batendo pernas de uma borda até a outra da piscina. O número de interações pode ser explicado porque no decorrer do percurso aconteciam conversas entre os participantes (criança/criança ou criança/adulto auxiliar), olhares e brincadeiras como jogar água em um colega buscando chamar a atenção do mesmo.

As atividades 2, 3, 4 e 5 na piscina eram propícias as interações, pois por serem desenvolvidas em equipes, estimulavam o relacionamento e a colaboração entre os participantes. Em contrapartida, justifica-se o baixo número de interações na atividade 6 (3 interações) pelo fato de que neste momento todos posicionam-se em coluna, se deslocam cantando a música “Sai tainha” (comum nas aulas) e os devidos gestos são desenvolvidos até

finalizar com um mergulho. Deste modo, a concentração é privilegiada em detrimento das interações. Além disso, os alunos apresentavam-se cansados na última atividade.

Quanto aos participantes, Bruno que possui DF/PC e DA apresentou grande quantidade de interações tanto no solo (20) quanto na piscina (29). As intenções de relacionamentos se manifestaram através de expressões faciais e da escolha de colegas, apontando com uma das mãos, para compartilhar as tarefas. Zuchetto e Schimitt (2012), relataram em sua pesquisa sobre uma criança com PC e DA que seus pares com deficiência despertaram a sua curiosidade e interesse ao correr, pular, dançar ou jogar.

Iago com DV e DI interagiu 5 vezes no solo e 12 na piscina sendo acompanhado por um adulto auxiliar que o estimulou a relacionar-se por meio do contato físico, já que a ausência de visão e linguagem dificulta o seu relacionamento com o grupo. Já Isabeli, que também possui DV, apesar de possuir prejuízos relacionados a autonomia devido a baixa visão, interagiu 17 vezes no solo e 13 na piscina contando com a ajuda do adulto auxiliar para se relacionar com os demais participantes através da fala e do contato físico. Na piscina, por não usar óculos de grau, a necessidade de auxílio para que as interações ocorressem tornou-se mais evidente. França-Freitas e Gil (2012), destacam a necessidade da mediação de um adulto durante as interações das crianças com DV tanto para reforçar uma iniciativa quanto para auxiliá-las na expressão de afetividade.

Hugo e Stefani que são autistas, apesar de possuírem dificuldades nas relações interpessoais, interagiram enquanto eram conduzidos nas atividades pelos adultos auxiliares. Para O'Connor et al. (2000), este é um dos melhores caminhos para ensiná-los. Hugo interagiu 17 vezes no solo e 20 na piscina e, Stefani 11 vezes no solo e 15 na piscina. Suas manifestações de relacionamentos aconteceram por meio de expressões faciais e, por vezes, com contato físico. Crianças com autismo apresentam pobres habilidades de relacionamento social, por isso, ajudá-las a interagir com seus pares é muito importante para o seu engajamento nas atividades, por exemplo: comportamentos sociais básicos como falar, entrar em um jogo, compartilhar materiais, parar ou mudar de atividade ou participar com todo o grupo, precisam ser ensinados a estes alunos (ZHANG e GRIFFIN, 2007).

Rafael que possui DI e TDAH foi quem mais interagiu durante a aula no solo com 22 interações. Na piscina apresentou 15 interações. Em ambas as aulas destacou-se pela disposição em prestar auxílios como empurrar a cadeira de rodas de colegas e demonstrar as tarefas quando solicitado. Para Santos (2012), as interações, próprias ao contexto educativo, evidenciam a diversidade humana e fazem emergir a singularidade de cada sujeito e a necessidade de práticas de ensino e de interação que sejam tanto pluralizadas como individuais.

Danieli com DF/PC participou na aula do solo e teve 15 interações caracterizadas, principalmente, por falas e gestos. Diego que também possui DF/PC e estava presente na aula do solo, manifestou 16 interações por meio de expressões verbais, faciais e, em especial, pelo contato físico. Com a participação frequente nas aulas, as crianças com PC tendem a melhorar, cada vez mais, o seu desenvolvimento social e emocional (WINNICK, 2011).

Caio que possui DA e TDAH participou da aula na piscina sendo o aluno com a maior quantidade de interações (34). Em consequência da surdez profunda, manifestou suas interações através de expressões faciais e verbais (gritos) e, na maior parte da aula comunicou-se e relacionou-se com os outros participantes utilizando sinais (LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais). Para Silvestre e Lourenço (2013), essa forma de comunicação favorece as interações.

Mário com DF/PC esteve presente na aula da piscina e manifestou 15 interações que estiveram relacionadas a expressões faciais e corporais. Por apresentar atetose, notou-se que em algumas situações as outras crianças não compreendiam o seu desejo em interagir, por isso, ele acabou se relacionando mais com os adultos auxiliares enquanto recebia apoio para executar as tarefas. No estudo de Zuchetto e Schimitt (2012), a criança com PC também se relacionou mais com os adultos que o acompanhavam.

4 CONCLUSÃO

Verificaram-se interações como o contato físico, o auxílio, expressões faciais e verbais em ambas as aulas.

A escolha das atividades representou o ponto de partida para a aproximação entre os participantes. “Bate-manteiga” e “Deslocando os espaguete” foram as atividades que propiciaram a maior quantidade de interações no solo e na piscina, respectivamente.

Destaca-se que grande parte das relações interpessoais ocorreram em tarefas que exigiam contato físico e auxílio pessoal. Além disso, notou-se que o clima de descontração entre crianças e adultos auxiliares favoreceu e possibilitou interações que motivaram as crianças ao engajamento.

Conclui-se que aulas de atividade motora para crianças com deficiência, além de beneficiar os aspectos neuromusculares, orgânicos e interpretativos, interfere positivamente nas habilidades sociais e emocionais resultando em melhoras na autoestima.

Palavras-chaves: Atividade motora adaptada, Crianças com deficiência, Interações sociais.

REFERÊNCIAS

- BLOCK, M. E. **A teacher's guide to including students with disabilities.** *General Physical Education*. 3ª ed. Baltimore, MD: Paul M. Brookes. 2007.
- FRANÇA-FREITAS, M. L. P. de; GIL, M. E. C. de A. **Interação social de crianças cegas e de crianças videntes na educação infantil.** *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. São Paulo, v.16, n.2, p.317-327, jul.dez 2012.
- HUTZLER, Y.; FLIESS, O.; CHACHAM, A. **Perspectives of children with physical disabilities on inclusion and empowerment: Supporting and limiting factors.** *Adapted Physical Activity Quarterly*. v.19, p. 300-317. 2002.
- JAMES, A. R.; KELLMAN, M.; LIEBERMAN, L. **Perspectives on inclusion from students with disabilities and responsive strategies for teachers: knowing how students with disabilities view inclusion can help teachers identify ways to improve the physical education environment.** *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*. v.82, n.1, p.33, jan. 2011.
- LIENERT, C.; SHERRILL, C.; MYERS, B. **Physical Educators concerns about integrating children with disabilities: A cross-cultural comparison.** *Adapted Physical Activity Quarterly*. v.18, p.1-17, 2001.
- NANGLE, D. W. et al. **Popularity, friendship quantity, and friendship quality: interactive influences on children's loneliness and depression.** *Journal of clinical child and adolescent Psychology*. v.32, n.4, p.546-555, Nov. 2003.
- O'CONNOR, J.; FRENCH, R.; HENDERSON, H. **Use of Physical Activity to improve behavior of children with Autism – Two for one benefits.** *Palaestra*, v.76, n.3, p.22-29, 2000.
- RIMMER, J.; WOLF, L.; SINCLAIR, L.; ARMOUR, B. **Physical Activity among adults with a disability.** *Journal of the American Medical Association*, United States, v. 299, n. 11, p.1255-1256, 2008.

SANTOS, D. C. O. dos. **Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com Deficiência Intelectual.** *Educação Pesquisa*, São Paulo, v.38, n.04, p.935-948, out./dez. 2012.

SILVESTRE, C. O. J.; LOURENÇO, E. A. G. de. **A interação entre crianças surdas no contexto de uma escola de educação infantil.** *Revista de Educação Especial*. v.26, n.45, p.161-174, jan./abr. 2013.

WINNICK, J. P. **Adapted Physical Education and Sports.** 5ª edição: New York, Human Kinetics. 2011.

ZHANG, J.; GRIFFIN, A. J. **Including children with Autism in general Physical Education: Eight possible solutions.** *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*. v.78, n.3, p. 33-37, 2007.

ZUCHETTO, A. T. **A trajetória de Laila no AMA: Histórias entrelaçadas.** [Tese de Doutorado] Campinas, SP: Programa de Pós-graduação Saúde da Criança e do Adolescente, Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 2008, f. 210.

ZUCHETTO, A. T.; SCHMITT, B. D. **Social development of a child with disabilities engaged during three years in adapted physical education classes.** 7th FIEP European Congress, p.416-420, 2012.

GIANDRA ANCESKI BATAGLION

ENDEREÇO: Rua Protenor Vidal, nº 138, Pantanal, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
CEP: 88040320.

TELEFONE: (48)96261728. EMAIL: Giandra__@hotmail.com